

MULHERES QUILOMBOLAS E A LIDERANÇA FEMININA

Área temática: Cultura

Coordenador do projeto de extensão: Prof. Dr. Neudson Johnson Martinho¹

Autores: Lígia Bauer Oliveira², Pietra Andrade de Osti³, Beatriz Santos Dos Passos⁴

RESUMO: A comunidade Mutuca, no Quilombo do Mata Cavalo (MT), estabeleceu uma organização matriarcal, quebrando paradigmas, legitimando as mulheres como líderes da comunidade, fato explicado pelos costumes africanos. Objetivamos com esse estudo desvelar os processos culturais inerentes a construção dos espaços de liderança das mulheres numa comunidade quilombola, de modo específico no que tange aos cuidados com a saúde. Trata-se de um recorte do projeto de extensão: “PRÁTICAS CULTURAIS EM SAÚDE: O cuidado e a educação popular em saúde na luta pela vida em uma comunidade quilombola do Estado de Mato Grosso”. O mesmo é desenvolvido por bolsistas do Grupo de Pesquisas Multiprofissionais em Educação e Tecnologias em Saúde (PEMEDUTS) da Faculdade de Medicina da UFMT, do qual participam estudantes de diversos cursos da universidade. Para obtenção dos resultados foi realizado um rastreamento da literatura pertinente à liderança feminina em comunidades africanas, analogizadas às falas das mulheres apreendidas durante as ações na comunidade supracitada. Identificou-se que toda a base organizacional da liderança feminina na referida comunidade quilombola se caracteriza como uma herança cultural das mulheres africanas que coordenavam os movimentos de resistência dos negros contra os senhores feudais e fazendeiros, sendo passada de geração a geração entre as mulheres quilombolas, enquanto os homens respeitam as decisões tomadas por elas e se ocupam de suas atividades cotidianas. Consideramos que a opressão pode ser vencida quando os processos de resistência e luta se constroem coletivamente, a exemplo das mulheres negras do quilombo, as quais demonstram o poder feminino é possível, diferentes da cultura machista preconizada na sociedade dita “branca”.

Palavras-chave: Liderança feminina, comunidade quilombola, Resistência, Luta.

¹ Doutor em Educação e Professor Adjunto da Faculdade de Medicina, Faculdade de Medicina/UFMT, Universidade Federal de Mato Grosso - Campus Cuiabá, neudsonjm@hotmail.com.

² Acadêmica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso - Campus Cuiabá.

³ Acadêmica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Mato Grosso - Campus Cuiabá.

⁴ Acadêmica da Faculdade de Comunicação Social e Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso - Campus Cuiabá.

1 INTRODUÇÃO

Desde Aqualtune, Dandara dos Palmares, Luiza Mahin, Mariana Crioula e Tereza de Benguela, mulheres negras enfrentam a luta pela liberdade e direitos à terra. Atualmente, o legado dessas mulheres libertárias tem conduzido a forma organizacional de seus descendentes. Tendo em vista esse fenômeno social e cultural, o presente trabalho, que se trata de um recorte do projeto de extensão: “PRÁTICAS CULTURAIS EM SAÚDE: O cuidado e a educação popular em saúde na luta pela vida em uma comunidade quilombola do Estado de Mato Grosso”, é desenvolvido por bolsistas de extensão e voluntários do Grupo de Pesquisas Multiprofissionais em Educação e Tecnologias em Saúde (PEMEDUTS) da Faculdade de Medicina da UFMT. Objetivamos neste relato de experiência desvelar os processos culturais inerentes a construção dos espaços de liderança das mulheres numa comunidade quilombola, de modo específico no que tange aos cuidados com a saúde. Nesta perspectiva, nosso objeto de estudo se caracteriza pela liderança das mulheres quilombolas da comunidade Mutuca, pertencente a região Quilombola Mata Cavalo, localizada no município de Nossa Senhora do Livramento - MT.

Historicamente, a sociedade brasileira se organizava de maneira patriarcal, cujas lideranças das revoluções ou que governavam os estados eram sempre homens, poucas foram as mulheres em destaque nesse processo. Ao observarmos pinturas, de modo específico das europeias e gregas, as imagens retratam homens centralizados, em posições favorecidas e as mulheres sempre subordinadas a eles, caracterizando uma visão machista de superioridade masculina.

Mas, a liderança feminina como costume culturalmente legitimado, foi identificada em sociedades como: Bijagós e Guiné-Bissau, nas quais as mulheres é que escolhem seus parceiros ou determinam o fim de um relacionamento, além de influenciarem nas decisões políticas locais. Em outras comunidades, de modo específico africanas, as mulheres atuam como responsáveis pelas cerimônias religiosas, e liderando diversos segmentos (SCHOLL, 2016).

Justificamos esse estudo pela necessidade de desvelarmos como esses processo de liderança feminina entre mulheres negras quilombolas ainda prevalecem no século XXI, cuja relevância social e acadêmica se corporifica pela possibilidade da

aprendizagem quanto aos aspectos culturais que permeiam as comunidades em questão.

2 DESENVOLVIMENTO

Nunes (2009), ressalta que a resistência da mulher negra à tripla opressão sofrida: raça, gênero e classe social ainda não as coloca em um lugar social cujas dignidades são vividas em sua plenitude. Elas são dignas na maneira como sobejamente desafiam sistemas de autoridades masculinas, continuando a dizer não às opressões.

Traduzindo este pensamento para a realidade dos líderes quilombolas, percebemos que tais mulheres exercem um sistema não patriarcal, alheio ao que estão condicionadas. Dessa maneira, a compreensão dos papéis assumidos pelas mulheres negras do período colonial até as comunidades remanescentes quilombolas da atualidade possibilita a coexistência de diferentes modelos de relações sociais, culminando em processos interculturais, nos quais as culturas possam dialogar entre si, enfatizando as lideranças femininas (LIMA, 2014).

Subsidiados nos autores supracitados, ao desenvolvermos ações extencionistas na comunidade quilombola mutuca, percebemos que esse movimento de luta e liderança feminina é factual e resiste ao tempo. Fenômeno este observado nas relações interpessoais dentro do quilombo.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Este trabalho é um relato de experiência recorte de um projeto de extensão, com abordagem qualitativa. Nesse sentido, apresentaremos em forma de relato os resultados (Fenômenos sociais) observados durante o mesmo:

Na comunidade *locus* desse estudo, as relações interculturais são observadas durante as oficinas realizadas com as mulheres, sendo importante pontuarmos, que tais práticas culturais quilombolas estão associadas em alguns momentos com costumes contemporâneos às áreas sociais urbanas.

A dinâmica da comunidade pode assim ser descrita: A recepção aos visitantes na comunidade Mutuca sempre é feita por mulheres líderes, as quais geralmente pertencem à mesma família, os homens se mantêm agrupados e não alteram suas atividades com a chegada, inserindo-se na roda de conversa a partir do convite das mulheres.

Toda e qualquer ação a ser desenvolvida na comunidade por qualquer grupo externo que lá chegue, deve ser explicada detalhadamente para as líderes, as quais autorizam ou não a execução. Da mesma forma, procede-se em relação a assinatura de qualquer documento (Termos de anuência, TCLE e etc.), processos esses que legitimam e enfatizam o papel predominantemente de lideranças das mulheres dentro do quilombo e perante a sociedade geral.

Da mesma forma ocorre a apresentação do quilombo aos visitantes, que se dar a partir de uma líder e demais mulheres a convite desta. Elas demonstram bastante conhecimento acerca da estrutura física, da organização da comunidade quilombola e da economia de subsistência, caracterizada pela manutenção de um apiário para produção de mel e cera, plantio de leguminosas, árvores frutíferas e hortaliças, as quais são utilizadas para consumo interno e venda externa.

Nas ações extensionistas desenvolvidas, observa-se que o grupo que participa é exclusivamente feminino, convidado pelas líderes. Inicialmente as mulheres se mostram um tanto reclusas e fechadas ao diálogo, até que a líder faça a mediação entre o grupo de extensão e as mesmas, a partir de então o intercâmbio de saberes e fazeres fluem com naturalidade e bastante abertura. Posteriormente, os homens foram convidados a participarem das ações, inicialmente tímidos, depois de se envolverem na dinâmica, relataram ao final que consideraram positiva a participação na mesma.

As ações extensionistas são desenvolvidas sempre em rodas de conversas, nas quais se utilizam dinâmicas facilitadoras para a participação ativa e diálogo entre os participantes. O projeto de extensão é subsidiado na pedagogia de Paulo Freire e na Fenomenologia MerleauPontyana, buscando a valorização do diálogo e a compreensão do homem enquanto sujeito ativo no mundo em que vive a autor de sua história de vida.

Uma das dinâmicas realizadas no quilombo foi a partir do uso de imagens e identificação de si a partir das mesmas, a qual foi socializada na roda, seguida da troca das imagens escolhidas com um colega e a apresentação deste a partir da imagem que ele entregou. A mesma possibilitou o conhecimento de si e do outro, por isso denominada: “Desvelando-se pelas imagens”, quebrou o gelo no grupo e facilitou o diálogo.

Essa comunidade quilombola tem por tradição cultural o cultivo da banana, da qual produzem doces e outras guloseimas que colocam a venda. Todos os anos no mês de julho realizam a festa cultural da banana, durante a qual as origens quilombolas são socializadas com a sociedade de uma forma geral, como: Danças tradicionais, gastronomia típica, crenças e costumes. Sendo esta comemoração cultural também liderada pelas mulheres do quilombo.

Nas comemorações culturais, a comunidade vai reforçando a importância de se manter as tradições da comunidade e suas raízes, buscando manter os costumes aprendidos de seus ancestrais. As festas da comunidade são espaços para o convívio social e aprendizagem dos mais novos quanto a cultura quilombola.

Tais fenômenos sociais observados na comunidade Mutuca, demonstra a liderança e força da mulher quilombola, a qual permeia as diversas dimensões existenciais do quilombo, transitando desde as questões domésticas, religiosas, econômicas até as culturais, como forma de resistência e manutenção das raízes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que projetos de extensão desenvolvidos em comunidades quilombolas contribuem para: 1- A universidade cumprir seu papel social; 2- Intercâmbio de saberes e fazeres entre a academia e o quilombo; 3- Possibilita aos estudantes a aquisição de novos conhecimentos e percepção da importância de saber e valorizar os aspectos culturais inerentes às comunidades nas quais desenvolverão suas práticas profissionais.

No Quilombo Mutuca, é visível a importância da liderança das mulheres na comunidade, tanto nos aspectos organizacionais, como questões políticas, econômicas e de cuidados com a saúde de seus membros. A beleza e a inteligência

feminina se revestem de outra significância a partir da percepção das mulheres negras, que apresentam esses adjetivos associados a compreensão da autoestima e compreensão da conquista de espaços de luta nas diversas dimensões do existir humano.

A cultura local é um aspecto que deve ser reconhecido e valorizado pelos diversos profissionais que atuam nas comunidades específicas, nesse caso os quilombolas. Costumes, crenças, visões de mundo e da ação de outros sobre si, devem ser consideradas nas relações com os povos, para que assim, o efetivo intercâmbio de saberes e fazeres ocorra de forma efetiva entre a comunidade e os profissionais, sendo necessário a implementação nos cursos superiores disciplinas e práticas que possibilitem aos alunos esse contato e aprendizagem, para melhor atuação profissional na perspectiva humanista

REFERÊNCIAS

LIMA, K. D. Reflexões Sobre A Liderança Feminina Na Comunidade Remanescente Quilombola Do Tucum/BA. 2014.

NUNES, G. H. L. Mulheres negras em seu protagonismo: paradoxos em relação ao gênero. In: Michelon, Francisca F.; Senna, Nádia da Cruz, Silva, Úrsula (Org.). Gênero, arte e memória., 2010, v., p. 179-198.

MOURA, Clóvis. Os Quilombos na Dinâmica Social do Brasil. Maceió: EDUFAL, 2001.

SCHOLL, C. J. Matriarcado e África: a produção de um discurso por intelectuais africanos- CHEIKH ANTA DIOP E IFI AMADIUME. 2016. Tese (Bacharel em História) - Departamento de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.